

Reynaldo Bessa

**esta vida
ou outra
invenção**

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2021

// SOBRE LIMBOS //

I

Nasci no sertão
onde o sol, ao meio-dia, deixava tudo
envolto em uma
aura fantasmagórica.
Mas boa parte da minha vida
vivi sentindo o cheiro do mar
— todo final de tarde, ele vinha,
numa brisa leve, talvez, tentar atenuar
os augúrios das gentes —
mas para vê-lo, ali, feito um cão
raivoso mordendo o azul,
eu tinha de arranjar dinheiro para quatro
conduções, e isso não era lá muito fácil.
Podia também passar por baixo da
borboleta quando o cobrador estivesse distraído ou
mesmo quando ele se encontrasse num dia bom,
mas isso também não era lá nada fácil
— e o que era? —
Seus olhos eram como dois ratinhos ligeiros.
Fingia contar o dinheiro,
mas na verdade, estava de olho nas meninas,
que empinadas, deslizavam pela

borboleta ruidosa e ensebada
Veza em quando — porque a Física
sempre foi impiedosa em suas leis
— havia um bate-boca,
um arranca-rabo, e nisso, o ônibus ficava
ainda menor: uns desciam, enquanto
outros aproveitavam
para subir sem pagar.
No final, todos estavam rindo
sob o céu azul mais azul do mundo
— eu ainda não conhecia quase
nada além do meu azul —
Alguns iam embriagar-se, perder-se,
outros iam encontrar novos
amantes, outras histórias,
trocar socos com desafetos, mas
no final, todos voltariam para suas casas de sempre.
Afora um ou outro que se afogara, claro.
Os que haviam sobrevivido àquela
epopeia, dias depois, traziam o orgulho de ver a
pele soltando, porque aquilo significava
que eles tinham ido ver o mar, e isso não era lá uma
coisa muito fácil — e algum dia fora? —
Eu corria saltitando na areia quente, muito quente
e sei lá por que, com os meus chinelos nas mãos
— acho que era pelo receio de que soltassem
as tiras — e procurava uma sombra na pedra.
E aí eu olhava o cais do Mucuripe tão perto
e tão longe feito o sonho irrequieto da noite passada.
Olhava tudo e sentia meu peito arfar, crescer,

inflar-se de futuro.
Sentia-me grande, muito grande,
maior que a Loira Desposada do Sol

2

Gostaria de um poema
como uma obra de damien hirst:
um readymade aqui,
 outro acolá,
um cubo,
algo putrefazendo,
 e ponto.

3

Os sonhos nascem bebês.
Dormem lindamente após ser alimentados.
Crescem, criam espinhas,
fecham-se em quartos escuros,
ouvem músicas no último volume,
choram por nada.
Como pais, com um olho no presente e o outro
no futuro, observamos todos os seus gestos.
Pensei nisso ao despertar de um desses
sonos profundos de uma tarde em que as
coisas pareciam ainda sem nome.
Logo que minhas pestanas se moveram
feito asas de um pássaro indeciso,
pensei no menino de dezesseis anos
caminhando pelas ruas de Iracema
atrás dos acordes dourados dos violões invisíveis.
Os sonhos envelhecem sim, até mesmo os maiores.
O meu envelheceu e morreu aos
setenta anos de idade:

Longe, sozinho e com frio.

Dizem que ouvindo música clássica.

E poderia ser diferente?

4

Sigo o alimento impossível,
o sentimento exacerbado.
Coleciono partidas, consciente do
gigantesco talho no casco do navio.
Não tenho medo das ondas dos desencontros,
nem do imenso umbigo do escuro.
Tenho receio, sim, da minha inércia
sangrando em algum cais algures.
Vivo dos altos voos grávidos de quedas,
das palavras semeadas na pele dos silêncios,
o alimento desesperado,
o sentimento insaciável.
Olho o vazio dentro e fora,
mas não há vazio.
O espaço habita o espaço.
Júpiter sussurra, Saturno badala.
Algo lúgubre, silencioso pisa o meu peito,
feito um menino traquina calcando
a terra sob a qual encontra-se
um passarinho ainda vivo.
Nunca há tempo, mesmo quando há tempo.
Há uma acomodação de rochas da existência e

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

CONTATOS
reynaldobessa1@gmail.com
reynaldobessa1.wixsite.com/meuslivros2

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em setembro de 2021.
